



Vingança silenciosa: a dissimulação em “O barril de Amontillado”, de Edgar Allan Poe

Paloma Bispo de Angelis (UFMS/CPTL)
(palomadangeli81@gmail.com)

Resumo: A dissimulação do protagonista no conto “O barril de Amontillado” (1846), de Edgar Allan Poe, faz com que a vingança narrada seja construída sob uma crueldade lenta e silenciosa. Dessa forma, este trabalho, utilizando-se de uma revisão bibliográfica, tem como objetivo analisar a arquitetura narrativa utilizada pelo autor, associada aos conceitos apresentados em seu ensaio “A Filosofia da Composição” (1846), e identificada nas atitudes do assassino para enganar sua vítima, valendo-se de seu próprio ego para convencê-la a seguir pelo caminho que o levará a morte. Ele não simula sua intenção, entretanto, dissimula o porquê de suas ações, por meio de um discurso irônico, ambíguo e cifrado. Assim, faz uso da vaidade e do orgulho de sua vítima como trunfos para a concretização da vingança. O conto de Poe move-se de traz para frente, ou seja, anuncia no primeiro período da narrativa, um plano de vingança, o que demonstra o epílogo constantemente em vista. Além disso, observa-se a ambiguidade e a duplicidade que indicam, segundo Piglia, a construção de duas histórias, a partir do visível e do secreto. Outro ponto importante do conto, baseando-se nas observações de Cortázar, é a reflexão sobre as experiências humanas, que leva a questionamentos sobre a capacidade do ser humano de agir de forma traiçoeira e perversa. Assim, ao verificar as marcas do silêncio que iluminam a crueldade de Montresor, constata-se que o protagonista ressentido usa diversas artimanhas para se vingar, cumprindo a tradição familiar de não deixar injustiças, sejam elas quais forem, impunes.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe; Vingança; Dissimulação; Teoria do conto.

Abstract: The dissimulation of the protagonist in the short story "The Cask of Amontillado" (1846), by Edgar Allan Poe, causes the narrated revenge to be built under a slow and silent cruelty. Thus, this paper, using a literature review, aims to analyze the narrative architecture used by the author, associated with the concepts presented in his essay "The Philosophy of Composition" (1846), and identified in the attitudes of the killer to deceive his victim, using his own ego to convince her to follow the path that will lead him to death. He does not simulate his intention, however, he conceals the reason for his actions by means of an ironic, ambiguous, and ciphered speech. In this way, he makes use of his victim's vanity and pride as trumps to carry out his revenge. Poe's tale moves from back to front, that is, he announces in the first period of the narrative, a plan of revenge, which demonstrates the epilogue constantly in view. In addition, we can observe the ambiguity and duplicity that indicate, according to Piglia, the construction of two stories, from the visible and the secret. Another important point of the story, based on Cortázar's observations, is the reflection on human experiences, which leads to questions about the human being's capacity to act in a treacherous and perverse way. Thus, by verifying the marks of silence that illuminate Montresor's cruelty, it is found that the resentful protagonist uses various tricks to take revenge, fulfilling the family tradition of not leaving injustices, whatever they may be, unpunished.

Keywords: Edgar Allan Poe; Revenge; Dissimulation; Short Story Theory.



Introdução

Uma tarde, quase ao anoitecer, em plena loucura do carnaval, encontrei o meu amigo. Acolheu-me com excessiva cordialidade, pois que havia bebido muito. Usava um traje de truão, muito justo e listrado, tendo à cabeça um chapéu cônico, guarnecido de guizos. Fiquei tão contente de encontrá-lo, que julguei que jamais estreitaria a sua mão como naquele momento. (POE, 2014, p. 02)

A obra de Edgar Allan Poe (1809-1849) é permeada de narrativas intrigantes que apresentam um domínio técnico ímpar, fundamentadas em um estilo “puro, adequado às ideias, dando a elas a expressão exata” (BAUDELAIRE, 2000, p. 35). Por meio do “processo metódico e analítico” (POE, 1999) observado em seus escritos, o procedimento narrativo demonstra sentimentos e ideias calculados cuidadosamente.

Dessa forma, Poe “opera sua máquina textual com perfeito domínio do aspecto técnico, pelo qual tudo é submetido a um cálculo preciso. Até mesmo o horror. Rigor e precisão pontuam a sua escrita fantástica” (MARQUES, 1999, p. 78). O próprio Poe, em seu ensaio “A Filosofia da Composição” (1846), afirma que era seu “designio tornar manifesto que nenhum ponto de sua composição se refere ao acaso, ou à intuição, que o trabalho caminhou, passo a passo, até completar-se, com a precisão e a sequência rígida de um problema matemático” (POE, 1999).

No conto “O barril de Amontillado” (1841), Poe, construindo um texto de maneira rigorosa e lucidamente planejado, faz uso da ironia e da ambiguidade para trabalhar dois temas principais: a vingança e a traição. O autor concentra sua escrita na ação de relatar o acontecimento, característica essa comum às narrativas breves, pois “acreditava que todas as obras devem ser curtas, com exceção dos romances” (POE, 1999). Todavia, o referido conto transcende o episódio em torno do qual se desenvolve o enredo, trazendo à tona reflexões que se deslocam para o plano das experiências humanas, ou seja, a capacidade do homem para de forma dissimulada e perversa, arquitetar uma vingança, aproveitando-se da vaidade e orgulho de sua própria vítima.



O motivo do ato vingativo não é totalmente esclarecido e apenas pistas são apresentadas durante o texto, mantendo a tensão da narrativa e conduzindo o leitor a acompanhar, juntamente com as personagens, a caminhada por um espaço sombrio e sufocante, que poderia ser denominado “caminho para a morte”. Além disso, observa-se também a ambiguidade da ironia, traduzida pela ocultação de detalhes que acabam por estimular as suposições. O discurso irônico e a ação de não deixar tudo à mostra no texto, revelando as causas reais, é o que favorece a intersecção das duas histórias, que de acordo com Piglia (2004) em suas “Teses sobre o conto”, são construídas a partir do que está aparente e o que não está visível.

Então, este artigo, utilizando-se de uma revisão bibliográfica, visa analisar a arquitetura narrativa utilizada pelo autor em consonância com os conceitos apresentados em seu ensaio “A Filosofia da Composição”. Dessa forma, discute como o comportamento e as atitudes do assassino para ludibriar sua vítima, apresentam uma pessoa traiçoeira, fria e calculista, utilizando de uma ironia que dissimula o porquê de suas ações. Além disso, a partir dos estudos de Cortázar (1999, p. 35), averigua como, no conto, a “modéstia do seu conteúdo aparente” esconde em si “uma realidade infinitamente mais vasta” do que a apresentada em sua escrita.

A dissimulação de um assassino

Em “O barril de Amontillado”, o narrador em primeira pessoa relata sua própria ação de vingança e traição. Montresor, como é chamado o narrador-protagonista, instiga a curiosidade de seu “amigo” Fortunato, dizendo que recebera um barril de Amontillado, mas, simulando uma possível dúvida em relação à qualidade do vinho, observa que só um especialista poderia confirmar sua legitimidade. Além disso, menciona uma terceira pessoa, Luchesi, elogiando seu conhecimento sobre vinhos, entretanto, com a vaidade aguçada pela argumentação de Montresor, não concorda e julga-se melhor que o outro.

No conto, a construção do relato do acontecimento e o efeito da leitura são marcados pelo desconforto, que coloca o leitor como testemunha de uma ação cruel. Entretanto, a sinceridade do narrador, que relata sua intenção, mas não a razão real, faz com que o texto



perpasse também pela ambiguidade. No ensaio “A Filosofia da Composição” (1999), Poe diz que um conto precisa ser estruturado em torno de um efeito que será despertado no leitor ao ler o texto, como é observado no trecho abaixo:

Tendo escolhido primeiro um assunto novelesco e depois um efeito vivo, considero se seria melhor trabalhar com os incidentes ou com o tom - com os incidentes habituais e o tom especial ou com o contrário, ou com a especialidade tanto dos incidentes, quanto do tom - depois de procurar em torno de mim (ou melhor, dentro) aquelas combinações de tom e acontecimento que melhor me auxiliem na construção do efeito. (POE, 1999, p. 101).

Poe afirma que um autor precisa necessariamente delinear um final para depois conseguir escrever um conto. É necessário ter o efeito planejado antecipadamente, para assim, escrever cada linha do texto. Em “O barril de Amontillado” o efeito único é preconizado pela relação de causalidade, ou seja, a surpresa e a estupefação diante da maneira perversa e fria do assassinato de Fortunato. A narrativa é traçada de trás para frente, pois o direcionamento dos fatos e o encadeamento das ações visam sempre o epílogo, que, de acordo com Poe, “só tendo o epílogo constantemente em vista, poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de consequência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e, especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção” (POE, 1999).

Poe, no conto analisado, não deixa claro o motivo propulsor da vingança, que é apenas indiciado na narrativa e não é revelado por completo, mantendo, por meio da ironia, a tensão da narrativa até o final do conto. O leitor é capturado de tal forma, que acompanha a busca do barril de vinho, caminhando juntamente com Fortunato, pelos corredores sombrios das catacumbas. Montresor, ironicamente, refere-se a sua vítima como “amigo”, diz estar “feliz” em encontrá-lo e aparenta preocupação ao conduzi-lo pelos escuros e úmidos subterrâneos do palácio, onde supostamente estava guardado o vinho. Porém, dissimulando sua intenção, coloca em prática um plano de vingança meticulosamente calculado e já anunciado ao leitor logo no início o texto, e guia sua vítima para uma armadilha fatal.

Foi à hora do crepúsculo, certa noite do desvario supremo da estação carnavalesca, que fui ao encontro de meu amigo. Ele me abordou com vivacidade excessiva, pois bebera demais. O sujeito usava uma fantasia de



bufão. Vestia uma peça justa e listrada e levava a cabeça encimada por um chapéu cônico, de guizos. Fiquei tão feliz de encontrá-lo, que não queria mais parar de lhe apertar a mão.

Disse a ele:

– Meu caro Fortunato, que sorte encontrá-lo. Que bela aparência, é notável! Agora veja só: recebi um barril que dizem ser de Amontillado, mas tenho lá minhas dúvidas. (POE, 2014, p. 03).

À luz da citação acima, é possível notar que o assassino usa a elevada autoestima de sua vítima e guarda essa estratégia como trunfo para o momento oportuno. Ele simula preocupação, e ao mesmo tempo demonstra ressentimento, pois, logo nas primeiras linhas do conto, diz: “as mil afrontas de Fortunato, eu as suportei o melhor que pude; mas quando ele passou destas ao insulto, jurei vingança” (POE, 2014, p. 02). Diante do relato do crime, o leitor vai sendo seduzido pelo protagonista justamente pelos espaços vazios deixados no texto que necessitam ser preenchidos, sabe-se que o narrador foi ofendido, mas não se sabe qual a ofensa, ou seja, o não dito faz com que o leitor suponha a gravidade da ação, imaginando o que estimulou o assassino a arquitetar sua vingança.

Segundo Iser (1999b, p. 157) são esses espaços vazios que incorporam o leitor ao texto, agindo dentro dele e, ao mesmo tempo, sendo controlado por ele. E são esses vãos presentes no texto, por meio daquilo que é oculto, que instigam a percepção do leitor e o guia em busca de descobertas. A simulação das ações e a dissimulação da intenção do narrador são as estratégias utilizadas por Poe para prender a atenção dos leitores. No conto, Poe oculta detalhes e a personagem Montresor age com dissimulação, ou seja, oculta a sua intenção criminosa e age de forma encoberta, visando a enganar a vítima, a fim de pegá-la desprevenida (NARVAEZ, 2016, p. 237). Assim, a vingança se dá de forma silenciosa e traz como arma os próprios vícios e fraquezas da vítima.

Ricardo Borges (2006) observa que Montresor em sua relação com Fortunato, ignora a condição de sujeito da vítima, reduzindo-o a condição de objeto:

O conto de Edgar Allan Poe tem como assunto a vingança, mas não uma vingança qualquer. Segundo a personagem principal, uma vingança deve apresentar alguns aspectos para que se torne perfeita: a impunidade da chamada pena aplicada cujo autor jamais deve sofrer em razão de seus feitos, e o reconhecimento, por parte daquele que se torna alvo do revide posterior, da identidade de quem a perpetrou.



Montresor, a personagem principal, elabora o plano perfeito e põe-no em ação durante o carnaval italiano, quando, aparentemente por acidente, esse encontra Fortunato bastante embriagado e dá assim os primeiros passos além do que o Direito denomina cogitação e atos preparatórios. Assim, dá início à execução do que virá a ser o infortúnio da vítima quando consumada.

Conduz sua obra por meio do elaborado ardil. Sabendo ter-se a vítima em alta conta como enólogo, utiliza como engodo a existência de dúvida quanto à origem de um pretenso barril deste vinho, tão raro em pleno carnaval. (BORGES, 2006, p. 01).

À medida que o plano de vingança vai se concretizando, o assassino busca a todo o momento apresentar uma imagem cordial e amigável com relação à sua vítima. Montresor, como fica evidente no texto, conhece bem Fortunato, e dessa forma, talvez com uma motivação extra causada por despeito ou, quem sabe, disputa, explora seus pontos fracos – vaidade e orgulho – levando-o ao seu destino fatal: “Tinha um ponto fraco – esse Fortunato -, embora em outros aspectos fosse homem a ser respeitado e até temido. Orgulhava-se ele de seu conhecimento de vinhos” (POE). A vítima aparece durante o texto como uma presa fácil, além de estar vulnerável por se encontrar bêbado durante as festividades de carnaval, ainda estava vestido de bufão, trazendo a imagem cômica e ridícula da personagem.

Enquanto isso, no desenrolar da narrativa, os acontecimentos revelam as diferentes faces de Fortunato. Por um lado, sujeito sincero, realmente preocupado com a saúde do “amigo”, e, por outro, sujeito simulado e traiçoeiro, com um discurso marcado de um ressentimento em relação ao próprio passado, confessando que já fora feliz e que sua pessoa já não tem importância.

Na verdade, Montresor foi dominado por um sentimento de onipotência, julgando que podia cometer o assassinato, pois seus valores familiares eram enaltecidos pela adoração ao brasão de sua família, que traz a imagem de uma serpente sendo esmagada por um grande pé humano de ouro, representando assim, as duas personagens: Montresor assumiu a característica traiçoeira da serpente, que ilustra sua dinastia, ao passo que Fortunato, assim como o grande Aquiles, seria imolado pelo calcanhar. O brasão tem a seguinte legenda: *Nemo me impune lacessit* (POE), que significa: “Ninguém me fere impunemente”.

Ao final da leitura do conto retornamos ao início, como em um movimento cíclico, pois conclui-se que toda a narrativa foi construída a partir do fato que consumou a vingança,



ou seja, o epílogo da história. A leitura de “O barril de Amontillado” causa no leitor sentimentos diversos: repulsa, curiosidade e prazer, ou por tornar-se cúmplice da atitude impiedosa de Montresor, que parece estar confessando o crime cometido, fazendo com que o leitor assuma o papel de juiz. Desse modo, o narrador deseja ser absolvido de sua culpa, definindo como motivo de sua vingança as injustiças cometidas pelo amigo Fortunato e eximindo-se da característica de sujeito com alma doentia, capaz de cometer atrocidades.

O relato não aparente e as reflexões sobre as experiências humanas

Na obra “Formas breves” (2004) de Ricardo Piglia, o autor defende a tese de que, em um conto, há sempre duas histórias. A primeira história fica em evidência, ou seja, é o relato visível, já a segunda história, secreta, pode ser lida nos interstícios da primeira. A história oculta, aquela que é lida nas lacunas do texto, faz com que o leitor fique atento às pistas do narrador e ao que é desvelado logo no início da narrativa.

Em “O barril de Amontillado”, o uso da ironia evidencia o acontecimento em si, mas também assinala o mistério da segunda história, ou seja, sugere muito mais do que anuncia. O que estava aparente começa a surgir durante a narrativa, assim, percebe-se que a vingança é como o cumprimento de imolação de Fortunato. O relato visível é a história já anunciada no início da narrativa: uma vingança que se concretiza de forma trágica e chocante, uma vez que a vítima é emparedada viva.

Note-se que antes tinha-se um Fortunato perspicaz, orgulhoso de seus conhecimentos de vinhos raros; em céu aberto em pleno carnaval era um homem afortunado. O “relato secreto” está atrelado aos insultos de Fortunato a Montresor, cujo teor não é revelado ao leitor, que apenas faz suposições, ao acompanhar o narrador na construção da narrativa. A ocultação é constitutiva do discurso irônico e é no jogo de não mostrar tudo que constatamos as intersecções das duas histórias. Ocorre então, uma inversão na condição da vítima, que é feito de bobo, é enganado justamente a partir de suas próprias características: ser astuto, egocêntrico e ter uma vaidade exagerada.

[...] Ouviu-se em seguida uma voz triste, que tive dificuldade de reconhecer como a do nobre Fortunato. A voz dizia:



– Ha, ha, ha! He, he! Que bela piada, verdade – uma peça excelente. Vamos morrer de rir no *palazzo*, he, he, he! Com um bom vinho, he, he, he!
– O Amontillado! – eu disse.
– He, he, he! He, he, he! Sim, claro, o Amontillado. Mas não está ficando tarde?
Será que não estão nos esperando no *palazzo*, a minha senhora e os outros?
– Sim – respondi –, vamos embora.
– *Pelo amor de Deus, Montresor!*
– Isso mesmo, pelo amor de Deus!
Mas espreeitei em vão por uma resposta a essas palavras. Fiquei impaciente.
Chamei alto:
– Fortunato!
Nenhuma resposta. Chamei de novo:
– Fortunato! (POE, 2014, p. 10)

A partir da leitura do fragmento acima, observa-se uma imagem diferente do Fortunato que é apresentado ao leitor na primeira parte do conto, na segunda é possível perceber que sua condição é invertida, visto que ele feito de bobo, e a partir de então, é enclausurado na catacumba prestes a ser morto emparedado. O seu destino demonstra ironicamente a reversão de seu nome, que por fim, não apresenta as características de um “afortunado”. Os guizos da fantasia de carnaval de Fortunato tilintam constantemente, o que faz com que ele pareça ainda mais um palhaço ou um bobo da corte, e as referências ao tilintar se repetem até o final do conto.

Assim, quando a perversidade de Montresor fica exposta, sem arrependimento ou remorso, entramos no ponto ressaltado por Cortázar (1974 apud GOTLIB, 2006, p. 10), que o conto se desloca para o plano das experiências humanas e suscita reflexões. Os temas do conto, vingança e traição, transcendem o episódio em torno do qual se desenvolve o enredo, levando à análise a respeito da assustadora capacidade do homem para arquitetar uma vingança de forma dissimulada, ardilosa e perversa.

Esse comportamento perverso também é evidenciado quando as duas personagens chegam a saudar os mortos, brindando a morte que estava próxima e desejando vida longa, empareda a vítima viva e em seguida diz: “descanse em paz”. Fortunato saúda os mortos, motivado por sua embriaguez; e Montresor responde a essa saudação, brindando à morte e não à vida, que está próxima para aquele a quem chama de ‘amigo’ como observa-se no trecho abaixo:



- Beba – eu disse, oferecendo-lhe o vinho.
Levou-o aos lábios com uma piscada maliciosa. Fez uma pausa e acenou familiarmente com a cabeça, enquanto os guizos tilintavam.
- Bebo aos mortos que repousam aqui à volta.
- E eu, a uma vida longa para você (POE, 2014, p. 05)

Essa passagem nos remete novamente a Cortázar (1974 apud GOTLIB, 2006, p. 10), por sua observação, “[...] um conto, em última instância, se desloca no plano humano em que a vida e a expressão escrita dessa vida travam uma batalha fraternal [...]”. O combate silencioso causado provavelmente pelo orgulho ferido de Montresor é justamente a manifestação de parte da dimensão humana, e, esse golpe é desferido contra um inimigo que é, dissimuladamente, tratado como amigo.

Os comportamentos perversos estão presentes em todo o conto “O Barril de Amontilado”, mas fica proeminente quando Fortunato é deixado para morrer, e, ademais, no momento que Montresor aparenta não sentir nenhum remorso por ter cometido tamanha atrocidade, como é possível observar na citação abaixo, que traz a última conversa entre as personagens:

- Sim – respondi –, vamos embora.
- *Pelo amor de Deus, Montresor!*
- Isso mesmo, pelo amor de Deus!
Mas espirei em vão por uma resposta a essas palavras. Fiquei impaciente.
Chamei alto:
– Fortunato!
- Nenhuma resposta. Chamei de novo:
– Fortunato!
- Nenhuma resposta ainda. Joguei uma tocha pelo vão restante e deixei que caísse para dentro. Não se ouviu mais que um tilintar dos guizos. Senti náuseas – por conta da umidade das catacumbas. Apressei-me a pôr fim à minha obra. Assentei a última pedra e a reboquei. Contra a nova alvenaria, reergui o velho baluarte de ossos. Por meio século, nenhum mortal veio perturbá-los. *In pace requiescat!* (POE, 2014, p. 10)

A história não aparente só é revelada a partir do momento em que as personagens visualizam uma cripta profunda que dá acesso a outro lugar ainda mais distante e que levará ao momento final da vingança. Dessa forma, observa-se no conto de Poe a intenção de



despertar sentimentos de profunda excitação e ansiedade, pois há uma continuidade de acontecimentos que faz gerar expectativa e ao mesmo tempo apreensão, ao passo que Montresor, personagem que se vingava de Fortunato, descreve seu plano. Portanto, só é possível transgredir para a dimensão das reflexões humanas a partir do desnudamento da história não aparente, ou seja, daquilo que fica nas fendas.

Conclusão

O conto “O barril de Amontillado”, vai ao encontro dos estudos de Cortázar (1993, p. 155), pois a “modéstia do seu conteúdo aparente” esconde em si “uma realidade infinitamente mais vasta” do que apresentada em sua escrita. Há um enfoque aos fatos em si, às características do ser humano e aos condicionamentos psicológicos das personagens, que podem ser usados como trunfos para ações perversas e condenação para o seu próprio fim.

Dessa forma, no conto em análise, vimos que o narrador-protagonista não esconde a intenção de matar sua vítima, utilizando-se de ironias, simulações e dissimulações para concluir seu plano. Não bastasse isso, observamos que o criminoso é frio e calculista, e, além disso, a vingança a todo instante é tratada por ele com mecanicismo e frieza. Então, Montresor pode ser caracterizado como perverso, haja vista não possuir nenhum sentimento de culpa.

Poe apresenta uma perspicácia preponderante, responsável por arrebatar o leitor, porque o prende à narrativa. Assim, cria uma personagem como Montresor, que tem o controle de tudo que está acontecendo, ao passo que sem perceber, Fortunato vai sendo conduzido até à morte, de maneira lenta e silenciosa. E desenvolvendo a história aparente, vai deixando lacunas que serão responsáveis por revelar a história secreta.

Referências

CORTÁZAR, Julio. Alguns Aspectos do Conto. In: **Valise de Cronópio**. Tradução. Davi Arrigucci Júnior e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 1993. P. 147-163.

_____. **Obra Crítica 2**. Organização de Jaime Alazraki. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.



BAUDELAIRE, Charles. Edgar Allan Poe. In: POE, Edgar Allan. **Poesia e prosa**: obras escolhidas. 2ª ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

BORGES, Ricardo. **Considerações sobre o conto O Barril de Amontillado – POE**.

Disponível em:

<http://teoriadaliteraturauff.blogspot.com/2009/12/consideracoes-sobre-o-conto-o-barril-de.html>. Acesso em: 20 set. 2021.

GOTLIB, Nádía. **Teoria do Conto**. São Paulo: Ática, 2006.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Trad. J. Kretschmer, São Paulo: Editora 34, 1999, volumes 1 e 2.

MARQUES, Reinaldo. **A escrita fantástica de “O Gato Preto”: a máquina do terror**. Fragmentos, Florianópolis, nº 17, p. 77-93, jul. 1999.

NARVAEZ, Hélio. Arts. 59 a 74. In: JALIL, Maurício Schaun; GRECO FILHO, Vicente (coordenadores). **Código Penal Comentado**: Doutrina e Jurisprudência. Barueri, SP: Manole, 2026. p. 237-238).

PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PINHO, Ligia. Resenha de O Barril de Amontillado. In: **Sobre o medo**, 2011. Disponível em: Acesso em: 10 out. 2021.

POE, Edgar Allan. **O barril de Amontillado**. Disponível em:

<https://docplayer.com.br/115249666-O-barril-de-amontillado.html>. Acessado em: 02/08/2021.

_____. **Poemas e Ensaios** (Trad. Oscar Mendes e Milton Amado). São Paulo: Globo, 1999. 3. ed. revista.